

NORDESTE: UMA REGIÃO “DOENTE” DO CANGAÇO. LAMPIÃO: ENTRAVE A UM PROJETO DE NAÇÃO “UNIDA” E “CIVILIZADA”?¹

ELISE JASMIN*

Resumo: O fenômeno do cangaço é estudado, neste artigo, na dimensão das representações elaboradas tanto pelas autoridades públicas e acadêmicas, quanto pela imprensa. A autora mostra como essas representações - com metáforas corporais - adquirem uma importância emblemática no debate, então travado, em torno da definição da modernidade da nação brasileira.

Abstract: This article takes up the question of banditry and examines the representations of this phenomenon constructed by public authorities, academics and the press. The author demonstrates, through the use of corporeal metaphors, how these representations gained on emblematic importance in the debate which took place with regard to defining the modernity of the Brazilian nation.

Lampião, um dos mais célebres cangaceiros do Sertão, desafiou, durante mais de vinte anos, não apenas as autoridades da região, mas também o poder central brasileiro. A forma de banditismo da qual se valia, é uma realidade histórica e social inerente ao Sertão; é igualmente objeto de um

conjunto de representações, que varia de acordo com os interlocutores, as épocas, a origem geográfica, a posição política dos que o definem.

O cangaço pode ser percebido como uma forma de mercenarismo a serviço dos coronéis locais; como expressão de uma barbárie atávica numa região atrasada; como um banditismo que impõe suas próprias leis, face à carência dos poderes públicos e à ausência de uma justiça imparcial na região, um banditismo de vingança e honra, uma revolta dos pobres contra o sistema latifundiário. O cangaço foi também uma das manifestações que fizeram os autores de História do Nordeste se situarem quando se tratou de construir uma nação “moderna”. É igualmente um dos fenômenos dos quais os representantes do poder se serviram para forjar essa nação, de acordo com representações que elaboravam.

A violência sofrida pelo Sertão em razão do Cangaço, a imensa perturbação, a perda de equilíbrio ligados a essa forma de banditismo, tudo isso revelou a falta de coesão de um país à procura de sua unidade. O padecer do Sertão fez o Brasil por inteiro confrontar-se com suas carências e um “anarquismo” que procurava por todos os meios obliterar. Para a imprensa brasileira, e particularmente a do Nordeste, desde o início dos anos vinte, Lampião encarnou a violência de uma sociedade atrasada. Ele era o produto genuíno de uma região considerada como retardatária, distante de toda civilização, perigosa para a coerência nacional. Essa idéia, precisamente, de coerência nacional, lugar comum caro às elite políticas e intelectuais brasileiras desde o século XIX, foi fortalecida a partir da Revolução de 30 e mais ainda sob o Estado Novo. Lampião encarnou a face negativa da modernidade, devastou uma região cujas fronteiras imaginava-se impenetráveis, uma região que parecia dissociada do país e da nação. Ao mesmo tempo, ele revelou as falhas de uma sociedade que se desejava moderna e unificada.

A noção de território está no âmago da história de Lampião: território que percorreu e dominou, o Sertão, do qual definiu as fronteiras, chegando a propor às autoridades atribuir-lhe a soberania do Sertão em troca de sua não-intervenção nas outras regiões, ainda não invadidas por suas tropas. Dominação e apropriação de um território caracterizam Lampião, que se infiltrou, irrompeu, devastou o Sertão. A região não cessou de sofrer; amargou as incursões criminosas de Lampião e de sua horda. Não apenas como uma fatalidade inelutável comparável à seca, mas também como uma ferida, uma enfermidade. Essa noção de região “doente” do cangaço foi expressada tanto na imprensa sertaneja quanto na do litoral. Essa insistência no sofrimento experimentado pela população do Sertão alia-se a uma concepção de nação ou região

compreendida como um corpo. As descrições minuciosas, muitas vezes grandiloquentes ou impregnadas do *pathos* dos horrores infligidas à população do Sertão, remetem à deslocação/ desmembramento da nação percebida como um todo orgânico. Paralelamente, nota-se a preeminência dada ao corpo quando o discurso se aplica a Lampião, numa perspectiva descritiva tanto quanto metafórica: ao corpo de Lampião, expressando sua monstruosidade, corpo figurado, corpo simbólico, corpo coberto de proteções mágicas que o “fecham”, o tornam invulnerável, corpo que se transforma na medida dos sofrimentos morais que atura, corpo que se metamorfosea quando tortura suas vítimas... responde o corpo ferido da sociedade que só poderá reencontrar sua unidade com a apropriação, a profanação do cadáver do cangaceiro e sua fragmentação.

O corpo de Lampião: expressão do mal, da crueldade, do diabólico

Nenhum dos contemporâneos o descreveu em termos de beleza; mas muitos deles pensam ter encontrado no seu corpo os estigmas do mal e da crueldade, as marcas de uma diferença profunda, que fazia dele um ser alheio às normas humanas.

Ranulfo Prata foi fascinado pela mãos de Lampião, mãos dotadas de vida própria, mãos de matador que, sozinhas, já traduziam toda a ignomínia da personagem. As mãos de Lampião pareciam-lhe dissociadas de seu corpo, provocando, assim, no leitor repulsa e temor. Ranulfo Prata escreve:

“O que mais impressiona no seu físico chocante são as mãos. São terríficas, expressivas, revelando um temperamento, uma vida. Extraordinariamente longas, no dorso, sobre um leque de tendões enrijados, dançam-lhe arabescos escuros de veias turgidas; recobre-lhe as palmas uma crosta áspera e acinzentada como pele de batráquio; os dedos finos, ósseos, compridos, terminados em unhas córneas e ponteagudas, engrecidas como equimoses, ostentam inúmeros anéis, falsos e verdadeiros. Mãos ferozes, convulsivas, astuciosas, brutais e ávidas. Parecem sempre febris, frementes, animadas de estranha vida como se cada músculo e cada nervo estivessem a receber continuamente a excitação de uma agulha elétrica.

Mãos que possuem hábitos horrendos, paixões furiosas. Se se elevam no ar, traçam gestos de

punhaladas, de estrangulamentos de gorjas. Na perna esquerda, cicatriz de bala recebida nos sertões de Pernambuco, em combate com o major Theophanes, que, por sua vez, foi atingido por um tiro que lhe rasgou na face larga deformidade”.³

Ele sublinha ainda o forte cheiro e a sexualidade desenfreada:

“Não só ele como todos os cabras têm forte almíscar, cheiro ativo e ascentuado de rancho de cigano. Por onde passam, deixam o ar impregnado por longo tempo. E uma mistura de sujeira de corpos e perfumes de variadas qualidades, com que ensopam cabelos e lenços. Sátiro, dominado sempre de super-sexualismo, denunciador do desequilíbrio somático evidente, tem uma amante famosa, que o acompanha, Maria Déa, de 20 e poucos anos, cabocla simpática, de cabelos de um negror de quixaba madura, filha do velho Cazé e natural de Malhada do Caiçara, município de Geremoabo”.⁴

Uma carta do sertanejo Oleron Barretto, publicada no jornal “A Voz do Sertão”, do dia 10 de maio de 1935, evoca o lugar e a importância do banditismo na sociedade sertaneja; ele o considera como um mal, uma “*enfermidade crônica*” para a qual não se pode vislumbrar “*prescrição terapêutica*”, pois a sociedade do sertão e o banditismo parecem indissociáveis. Procurando na origem desse fenômeno os elementos estruturais que permitiriam ultrapassá-lo, o autor evoca os indivíduos que, real e profundamente, encarnam o mal a ser combatido a todo custo. Aos seus olhos, Lampião, aquele que “*professa a religião da crueldade*” expressa através de sua personalidade e, mais particularmente, através desse corpo, o mal que convém extirpar.

“De tantos máos individuos a que temos conhecido, qual delles pode merecer de nós a pecha de bandido?

Unisonamente, em côro, todos dirão - Lampeão-Sim, eu tambem o digo: esse bipede, creatura inferior ao tigre e a panthera, porque estes lhe dão uma egregia licção quanto ao sentimento familiar, é sem duvida alguma a vergonha e a

humilhação de nossa propria igual individualidade. Lampeão, não ha negar, detentor de um coração que se vulcanisa n'um vesuvio de crimes, é em verdade um raro bandido. Ele gera e se nutre do crime".⁵

Uma vez mencionada sua animalidade selvagem e identificados os elementos do corpo de Lampião que revelam sua crueldade, sua raiva, seu coração que “se vulcaniza”, o autor evoca uma personalidade e uma psicologia cruéis e monstruosas; são expressas com força neste texto por meio de elementos visuais.

“Esse homem que pela manhã fita o sol pelo orificio do cano longo de seu fuzil matador, que a noite banha a folha fria de seu punhal nos raios merencorios do luar, que mira farto de goso e sem remorso algum, ao corpo inanimado de sua presa, que conta sob gargalhas de seu bando as linhas douradas, numero de victimas, incrustadas na coronha de seu fuzil, que faz hygiene do mecanismo de sua arma com agua de colonia e aromatiza as balas ponteagudas com perfume semelhante aos preferidos pelas filhas de Jericó, esse Lampeão que semeia a dor e à viuvez, a orphandade e o algoz das donzelas, a violação dos lares e o exterior de corações paternos, é na realidade um bandido cuja compleição psychologica analysada por apropriados scientistas, daria ao mundo um laudo singular pelo valor de uma rara entidade peormente conhecida, por superior aos de mais tarados typos delinquentes”.⁶

Se o autor insiste em evidenciar a monstruosidade física e psicológica de Lampião, ele sublinha também a teatralização que cerca sempre seus atos. Parece ter entendido que Lampião tira sua extrema singularidade dessa teatralização do sofrimento infligido a suas vítimas. Embora a violência física fosse praticada por cangaceiros que o antecederam, ela deixa, neste caso, de ser tão somente uma justiça expeditiva. Com efeito, a violência espetacular e a tortura nunca foram apenas obra de Lampião. No entanto, os cangaceiros anteriores, como Antônio Silvino, Sinhô Pereira, exerceram-na principalmente

contra policiais, representantes locais da Justiça ou inimigos políticos, enquanto que Lampião a generalizou à população civil de todo o Sertão.⁷ Lampião sabe que aquilo que ele faz será visto, sabido, contado. Ele arrola os outros como testemunho, sejam eles seus próprios homens que presenciam e participam das torturas que ele inflige; sejam pessoas poupadas por ele, para que possam relatar o que viram, sejam ainda jornalistas e escritores que acreditam entregar ao leitor notícias sensacionalistas sem se dar conta que são, eles mesmos, manipulados por Lampião. Se se pode falar de uma legibilidade do mal através do corpo de Lampião, ela deve ser relacionada com os suplícios espetaculares infligidos por ele a suas vítimas ou seus adversários.

Escritores e jornalistas não se limitaram, de fato, a descrever o corpo de Lampião enquanto revelador de sua monstruosidade; eles também fizeram dos corpos das vítimas de Lampião expressão do sofrimento do corpo social. A maior parte dos autores e jornalistas da época, sejam os da faixa litorânea ou do Sertão, não cessaram de relatar com muitos detalhes e uma certa teatralidade, os crimes e as mutilações praticados por Lampião. Muitos artigos publicados na imprensa e obras escritas enquanto Lampião era vivo, insistem sobre seu desejo de reduzir suas vítimas à animalidade, de estigmatizar e de marcar os corpos dos vencidos, de deixar traços. No capítulo de sua obra intitulada “Os crimes”, Ranulfo Prata enumera vários deles, cometidos por Lampião nos estados da Bahia e de Sergipe em cinco anos de ocupação desses estados. Para o autor, a enumeração minuciosa deste “*rosário de monstruosidades*” constitui um desafio, pois a realidade consegue “*ultrapassar*”, “*vencer*”, “*dominar*” a ficção e a imaginação. Segundo Ranulfo Prata, a singularidade de Lampião expressa-se sobretudo através dos suplícios e sofrimentos físicos e morais que ele impõe a suas vítimas, atento que é a inventar constantemente novos refinamentos na crueldade. Ao se aproximar mais da enumeração das torturas impostas por Lampião, constata-se que Ranulfo Prata as escolheu em função de sua força simbólica: prejuízo à propriedade privada, à honra, à respeitabilidade, à virilidade; redução à animalidade. Nessa obra, concebida como um alerta às autoridades e aos leitores não afetados pelo drama que enfrenta o Sertão, Ranulfo Prata quer impressionar. Ele nos fornece a imagem de uma região onde os princípios morais que a caracterizam, aos seus olhos, são desrespeitados permanentemente por um indivíduo que se excluiu voluntariamente da sociedade à qual pertencia:

“Após o saque das casas comerciais sertanejas, incendeia-as. Corta orelhas, castra, estupra raparigas adolescentes, contaminando-as de mal

vénero; viola mulheres casadas á vista dos maridos. Surra, á palmatoria e chicote, mulheres, velhos e crianças; ferra moças na face, no pubis, nas coxas! De uma feita traçou, a canivete, duas longas e obliquas incisões nas costas de uma vítima, do ombro á nádega, paralelamente, distante uns 4 centímetros e dissecou o retalho de pele e tecido sub-cutâneo, de quase meio metro, o que obrigou o paciente a ir para Caldas do Cipó, onde levou meses á espera de uma cicatrização custosa de se fazer. Tem predileção sádica pelo "pipinar" á faca, choviscando os corpos martirizados de finos golpes superficiais que simulam estranha doença de pele".⁸

Embora essas práticas fossem também obra das forças volantes⁹ e dos cangaceiros que antecederam Lampião, parece que este último insistiu bastante na ritualização dos sofrimentos infligidos a suas vítimas, assim como seu aspecto espetacular. A esse respeito, a maioria das obras e narrativas evocam, com muitos detalhes, os castigos exemplares que Lampião impusera ao velho Salinas.¹⁰ Na versão fornecida por Ranulfo Prata, o velho Salinas, pequeno proprietário do sítio "Almacega", situado nas proximidades de Jeremoabo, no estado da Bahia, teria indicado a uma unidade das forças volantes o lugar onde se encontrava Lampião. Sabendo que, para este último, a denúncia de cangaceiros às forças de polícia era considerada crime sem perdão, passível somente de morte, Salinas teria abandonado sua casa, suas culturas e seu gado e se refugiado imediatamente em Jeremoabo. Esse sertanejo não pôde ficar inativo numa cidade onde não tinha meios de subsistência. Apesar das injunções de parentes e amigos, no dia 13 de maio de 1930, ele teria decidido voltar para sua casa com sua família, por um dia apenas, para a safra de mandioca.

Lampião esperava a oportunidade de se vingar. Entrando de surpresa na propriedade, ter-lo-ia lembrado solenemente da "*perfidia de seu ato*", antes de impor-lhe o castigo. Então, teria amarrado quatro dos cinco filhos de Salinas, braço a braço e perna a perna, e os teria matado de uma bala na cabeça, exigindo que o traidor visse o suplício infligido a seus filhos. Então, lhe teria cortado as orelhas, lhe teria arrancado o olho direito, o teria capado, lhe teria quebrado os dentes e ter-lhe-ia ordenado que andasse até a casa de seu último filho, instalado numa pequena propriedade. Salinas,

*“O rijo sertanejo, que não se abate de todo, apesar das lesões graves, lá se vai pela estrada como um símbolo vivo e doloroso e sangrento de toda aquela gente que vive abandonada, naquele deserto de espinhos, de Deus e dos homens. Segue aos cambaleios, com a cabeça branca toda vermelha de coágulos, o olho vasado a porejar lágrimas de sangue, a boca cheia de espuma escarlate”.*¹¹

Após ter entrado na propriedade do último filho de Salinas, Lampião o teria matado com um tiro de fuzil, à vista de seu pai. Salinas teria, então, sido morto e Lampião lhe teria aberto o peito afim de *“ver como se parecia o coração de um traidor.”* Satisfeito com sua vingança, teria ido embora, deixando sua vítima sem sepultura.

Para Ranulfo Prata, o corpo ferido de Salinas simboliza o sofrimento vivido quotidianamente pelos sertanejos. Esse corpo estigmatiza e revela a impotência do sertanejo, vítima constante de uma violência que lhe é imposta; um corpo ferido, mas também um corpo excluído do corpo social, um corpo esquecido de todos. Ranulfo Prata nos lembra que sua obra representa não apenas um *“documentário fiel”* dos crimes praticados por Lampião, mas que ela é concebida sobretudo como

*“Clamor que deseja ser ouvida pela consciência pública brasileira e apelo dirigido aos responsáveis pelos destinos do país.” “Um echo do clamor e do apelo lançado pelas populações desditosas, que vivem escorchadas sob o couro duro de suas alpercatas. Clamor que deseja ser ouvido pela consciência pública brasileira e apelo dirigido aos responsáveis pelos destinos do país”.*¹²

O autor insiste em dizer que ele também é *“um filho dos sertões, dos mesmos sertões que agora, nesta hora que passa, vivem talados pela horda intangível”.*

“Somos assim, mero porta-voz da angústia de milhares de seres humildes, dos mais desgraçados do país, pés-rapados, párias, intocáveis, açoitados por mil flagelos.

Que nos ouça a gente litorânea que vive entre as delicias da civilização, com o lar, a vida e os haveres garantidos.

Para muitos estas páginas recheadas de barbária, terão apenas, o prestígio de afirmarem, com a documentação fotográfica insofismável, que “Lampião” não é um mito, simples fábula como imaginam. A outros, inspirarão piedade e horror, a ninguém, porém, esperamos indiferença absoluta. (...)

Um lustre de crimes quase diários não cabe na estreiteza de brochuras.

Apresentando, ao acaso, alguns deles, intentamos mostrar, não a façanha do bandido em si, mas o sofrimento do sertão.

O sertão! Quem o conhece, quem o ama? Nos, os sertanejos. Se não fora o monumento que Euclides da Cunha levantou ao sertão, aureolando-o de um listrão vermelho de sangue, o país até hoje o desconheceria. Vivemos ignorados há quatro séculos.

Um fosso de profundidade de abismo cavou-se entre nós e o litoral, fazendo-nos retardatários na marcha civilizadora em que vai o Brasil”.¹³

Nesse discurso contra a “loucura sanguinária de uma horda de bandidos impunes”, Ranulfo Prata não só se solidariza com o Sertão, a região da qual é oriundo, bem como ele reencontra e reivindica suas raízes. Nesse “grito de sofrimento do sertão mártir”, cujo papel de porta-voz ele assume, procura acordar a consciência nacional. Parece-lhe primordial que a nação brasileira reencontre sua unidade e que a sociedade litorânea “num gesto de socorro fraterno” faça corpo com o sertão visto aqui como um elemento constitutivo desse todo orgânico que deveria ser a nação brasileira.

Para alguns, como Gustavo Barroso, também oriundo do sertão, o rumor, segundo o qual Lampião, em uns acessos de ferocidade e sadismo, teria tocado fogo em berços de crianças para vê-las queimarem vivas, suscita muita desconfiança;¹⁴ mas a maioria dos autores e jornalistas da época, sejam eles da zona litorânea ou do sertão, não param de relatar, com muitos detalhes e certa teatralidade, os crimes e as mutilações praticadas por Lampião. E esses horrores

não são evocados como resultando da execução de uma vingança sedenta, mas sempre como obra de um homem monstruoso, desumano, animal, reduzindo outros à animalidade,¹⁵ dotado de uma força destruidora sobrenatural, quicã diabólica. O artigo póstumo do cronista Humberto de Campos, do Diário de Pernambuco de 26 de junho de 1926, evoca o ataque à vila de Curuçá, no estado da Bahia.

“A frente de 60 apaniguados ferroses e bestiaes, Lampeão invadiu a Villa de Curuçá, estrupou, roubou, depredou, matou, afixou, emfim, em cada rua e em cada casa, o sello fatidico e vermelho que assignala sempre a sua passagem. Quinze homens validos e pacificos tombaram sangrados pela sua mão. E o coração de um delles, arrancado pela garganta, foi levado em trophéo entre gritos e animação, de entusiasmo e de vitoria. (...)”.¹⁶

E se, para Humberto de Campos, a população indigna-se e emociona-se, reivindicando dos poderes públicos que eles “coloquem um ponto final nesse mau poema de sangue e lama”, o cronista insiste em dizer que essa indignação nunca é seguida de atos e deixa rapidamente o lugar a uma indiferença geral, uma indiferença “quase criminosa” quando se conhece a selvageria “lendária” de Lampião, uma indiferença que revela o fosso entre o mundo do litoral e o do sertão.

“Parece, que os factos noticiados estão ocorrendo na China, na Armenia, na Berberia ou no Turquestão. Ninguem os commenta. Ninguem protesta. Ninguem se commove. E Lampeão, de pavio acceso, continu’a desafiando o Brasil”.¹⁷

Os sofrimentos físicos espetaculares que Lampião inflige a suas vítimas e a monstruosidade que se expressa através de seu corpo são freqüentemente colocados em paralelo. Num artigo do jornal sertanejo *A Voz de Pesqueira* do dia 10 de abril de 1937, aparece distintamente o tema da monstruosidade visível de um corpo dividido:

“E, enquanto a força volante passeia pelas estradas de caminhão, a tocar clarim, Lampeão, a besta-féra, meio homem meio animal, barbas e cabelos crescidos até quasi o meio das costas, interna-se nas caatingas e ataca as fazendas,

incendeia, assassina, desonora e comete as mais inconfessáveis barbaridades”.¹⁸

O *sertanejo* João Circinato, antigo fazendeiro oriundo de Vila Bela que foi sequestrado por Lampião durante algumas horas, descreve seu rosto, um rosto em que transparece seu caráter demoníaco:

“Caboclo moreno. De cara que parecia a cara de cão, êle não era feio, mas a cara dele matava todo mundo. (...) E a gente tinha até medo de encarar pra ele. Que era a cara de uma serpente, direitinho. Se ele tivesse com raiva era com raiva e se não tivesse, era a mesma cara feia”.¹⁹

Os soldados também parecem sempre se assustarem com o aspecto físico de Lampião. Se alguns autores ou alguns jornalistas da época sublinham o medo dos soldados causado pelo aspecto inquietante ou até demoníaco de Lampião, é porque, nos dizem eles, todos pertencem ao mundo “*arcaico*” do sertão, adepto de todo tipo de superstição. Lampião sabe muito bem quem são seus adversários e quais imagens e aspectos de seu corpo e de sua personalidade devem ser exibidos como armas para assustá-los. Segundo esses autores, apenas a cultura do litoral, religiosa e não supersticiosa, “civilizada” e não “bárbara”, tem os meios psicológicos de tomar o corpo de Lampião e destruir sua imagem. Todavia, esses soldados *sertanejos*, adeptos de muitas crenças que os dominam, são abandonados à própria sorte pelos intelectuais do litoral ou até mesmo pelos escritores *sertanejos* como Ranulfo Prata, transfúgios, que passaram, de algum modo, para o “outro lado”:

“Como todos os companheiros, traz longos cabellos sobre os ombros, compondo assim, uma mascara que atemoriza os soldados, terror que cresce nos tiroteios com o alaridos que fazem os cabras, relinchando, zurrando, latindo, praguejando, chamando Deus e pelo diabo, a agitar, furiosos como incubos, as cabeleiras, e a pular como símios. Os soldados crendeiros, que têm nas almas as mesmas superstições, julgam que estão diante do sobrenatural, empolgando-se de pavor, e quando não debandam contidos pela energia férrea do comandante, tiram o olhar de semelhante espectáculo, e começam a atirar a

esmo, sem pontaria, com a cabeça enfiada entre os braços nervosos que empunham a arma sem firmeza.

*Quando voltam dos encontros confessam, á puridade, sinceramente, que na hora do fogo, os bandoleiros, como se tivessem rolado nos espojadouros das mulas-de-padre, tinham virado demônios”.*²⁰

O artigo do *Diário de Pernambuco* do dia 21 de janeiro de 1932 evoca o pavor que o aspecto físico de Lampião inspira aos soldados das *forças volantes*:

“Os que compõem as tropas volantes lançadas nas catingas para combater o banditismo são filhos desta zona calcada por tantas misérias e tantas provações. São homens cheios de superstições e que se apavoram ante qualquer possibilidade de castigo de Deus. Lampeão disso se aproveita. Individuos de cor escura, quasi preta, mas de cabelos corridos, o bandido não corta os cabelos e deixa-os cair sobre os ombros. A maioria dos seus cabras imitam-no. Nos combates com as tropas, os bandidos soltam gritos terríveis, relincham, praguejam, ameaçam os nomes de Deus, do Diabo e dos Santos nas suas apostrofes, com o fito de apavorar os soldadas sertanejos. De um provisorio que manteve fogo com os bandidos, ouvi o seguinte:

- Aqueles cabelos doidos apavoram. Foi o que me fez correr.

*Soldados diversos têm-se deixado imolar sem atirar contra os bandidos, transidos de medo ante as suas caras tremendas, os seus gritos selvagens, as suas fisionomias desfiguradas”.*²¹

Quando se analisa o discurso veiculado pelos escritores e jornalistas, nota-se que eles insistem na monstruosidade que seria própria de Lampião, um bandido sanguinário “atacado” por um mal cuja causa deveria ser focalizada e compreendida; ao mesmo tempo, ele revela – ou provoca – o mal, a doença que atinge o sertão e se dissemina no Nordeste, ou até mesmo sobre o resto do

Brasil. Lampião simbolizou, muitas vezes, esse mal, essa moléstia que deve ser extirpada do sertão, a fim de que essa região possa reintegrar a sociedade global e seus modelos de “civilização”. A esse respeito, é tocante constatar o uso constante de uma terminologia médica para definir o drama e o mal que assola essa região. O sertão e, por extensão, o Nordeste é considerado como uma região “adoecida” pelo cangaço.

No seu discurso pronunciado no dia 28 de dezembro de 1926, Estácio Coimbra, Governador do estado de Pernambuco, nos diz que o cangaço é:

“menos um caso policial do que um phenomeno de retardamento individual e colectivo que surge em nosso interior, como endemia avassaladora para extinguir-se aparentemente e recrudesce mais tarde, exigindo, por isso mesmo, os nossos cuidados permanentes e a desvelada vigilancia dos governos”.²²

Num artigo do *Diário de Pernambuco* do dia 16 de junho de 1927 intitulado “*Prophylaxia do cangaço*”, Tércio Rosado Maia evoca o papel e o dever dos magistrados “de sanar” o Nordeste. O magistrado, agindo nas

“normas strictas do Dever e conscio de suas responsabilidades, representará no organismo da Região o papel de um fagacyto, insulando e eliminando os elementos tornados deleterios e immunizando o meio de forma a faze-lo refractario á população de taes virus de ruina e decomposição”.²³

O autor considera o cangaço como um fenômeno patológico favorecido pela “*eclosão destruidora de instintos latentes da ferocidade sanguinária*”; ele fala de “*escoria*” do cangaço composta principalmente de “*criminosos natos e indivíduos degenerados*”. Nesse contexto,

“Enquadrando o conjuncto, fornecendo ao meio de cultura de tae germens os elementos nutritivos substanciais, a figura bastarda de juiz pusilanime e desmoralizado, a catadura bronca do despota sertanejo, chefe politico ou magnata de roça. (...) Más é a magistratura que devidamente aparelhada se antolha principalmente, a grande e nobilitadora tarefa de sanear o Nordeste, esterilizando o ambiente social sertanejo, de

*maneira a tornar antecipadamente inviáveis, essas larvas monstruosas do crime: os cangaceiros”.*²⁴

Quase dez anos depois, no dia 26 de junho de 1935, um artigo do *Diário de Pernambuco* constata, ao mesmo tempo, no “*organismo nacional*” a existência de energias e de reservas materiais e morais suscetíveis de colocar um ponto final ao cangaço, considerado como uma calamidade nacional, um flagelo social e denuncia a incapacidade das forças de segurança se mobilizarem para a “*defesa do povo e da dignidade nacional*”. O que fazer frente a essa constatação, e como abordar o cangaço? A falta de motivação das forças de segurança e dos dirigentes políticos do país talvez provenha do fato de que o cangaço foi percebido por toda a sociedade brasileira como um mal crônico impossível de ser extirpado. Da mesma forma que certas epidemias, o cangaço teria se tornado uma doença quase familiar; é o que nos diz o jornalista do *Diário de Pernambuco* na sua edição do dia 26 de junho de 1935:

*“O cangaço penetrou, parece, já no rol dos nossos males chronicos e inextirpaveis, Lampeão, que há doze annos parecia uma fatalidade imprevista e inadmissivel, tornou-se uma calamidade commum, ordinaria como a lepra, como a tuberculose, como as epidemias que, pela persistencia e continuidade, se tornaram familiares. É tempo já, de extirpar esse cancro”.*²⁵

Mas os atores da repressão não conseguiram aniquilar Lampião ao atacar sua imagem física, embora descrita como repugnante e reveladora de sua monstruosidade moral. Eles acabaram com Lampião destruindo sua imagem simbólica: em 1937, quando ele não foi mais considerado como cangaceiro mas como “extremista”, não mais inimigo do sertão apenas, mas doravante da nação como um todo, então tudo mudou.

O fato de qualificar Lampião de extremista modifica radicalmente seu estatuto; ele não é mais um caso de polícia a ser resolvido numa região considerada como arcaica, mas um inimigo do regime, ao mesmo título que os outros: ele foi visto e nomeado diferentemente e sua imagem padecceu de uma mutação radical; ao passar da categoria de cangaceiro *sertanejo* à de extremista, Lampião perdia a especificidade cultural e regional que lhe conferia sua identidade. Ele não foi mais considerado como um inimigo próprio do sertão, confinado a suas fronteiras impenetráveis, mas como um inimigo do Brasil.

Quando as *forças volantes* do tenente João Bezerra mataram Lampião, em 28 de julho de 1938, na gruta de Angicos, acreditaram ter também obliterado

sua imagem. Num tipo de resposta invertida à afirmação de invulnerabilidade de Lampião, exibiram sua cabeça e as de seus companheiros como troféus e mostraram, à vista do mundo, que esse corpo, pretensamente fechado e impermeável às balas e às facas, podia ser fragmentado.

O ESPETÁCULO

Para os atores da repressão, era preciso fazer dos cangaceiros vencidos objetos de seu espetáculo. Lampião havia criado um estado de desequilíbrio na sociedade brasileira como um todo; seu reinado de terror e violência no sertão levou as autoridades policiais a empregarem os mesmos códigos de violência exemplar que os cangaceiros. As autoridades policiais fizeram publicamente do corpo dos cangaceiros troféus macabros de uma guerra impiedosa, à qual a população do sertão e toda a opinião pública participaram, enquanto testemunhas. As cabeças dos cangaceiros mortos pelas *forças volantes* deviam ser vistas, e a prática de sua decapitação havia de ser aceita pela população do sertão, acusada de continuar a acreditar que os cangaceiros – e seu chefe em particular – eram invencíveis.

A descrição da batalha dos Angicos, onde Lampião e seus companheiros foram mortos, relatada pelo jornalista da revista *a Noite Ilustrada* do 2 de agosto de 1938, revela a vontade de acabar, de uma vez por todas, com Lampião, o indivíduo, a personagem. O jornalista descreve a cena final de Angicos como se fosse a captura de um animal feroz e perigoso, necessária à erradicação do mal do qual toda a nação sofre:

“Agora caiu para sempre, ferido pelo ferro com que sempre feria o proximo desapiedadamente. Ao que referem as primeiras noticias, o chefe do cangaço foi cercado na fazenda Angicos por uma força volante comandada pelo tenente José Bezerra, aspirante Ferreira e cabo Aniceto, todos veteranos da perseguição sistematica aos cangaceiros. Desta vez, o monstruoso salteador não pôde aplicar suas manhas habituais para a retirada. Assediado por todos os lados e tiroteado furiosamente, quando pretendeu escoar-se furiosamente pelas fileiras dos assaltantes, julgando repetir uma façanha tantas vezes

lograda com êxito, surgiram de todos os lados os adversários dispostos à luta de qualquer modo. Talvez exausto de munição, o bando teve de se empenhar em luta corporal. Caiu Lampeão, já antes atingido mais de uma vez pelo tiroteio do cerco, e caíram mais oito de seus comparsas, sua amante, conhecida por Maria Bonita, e ainda outra mulher que acompanhava os bandoleiros. Desaparece, com a morte de Virgolino Ferreira, uma mancha da civilização brasileira- o mais duradouro, feroz e implacável dos bandoleiros que se conheceram no país”.²⁶

Depois daquilo que o jornalista qualifica de “*massacre*”, as *forças volantes* o decapitaram “*rapidamente*», assim como a seus companheiros, com facas bem amoladas; em seguida, fizeram com que a população pudesse expressar enfim sua alegria ao ver a cabeça de Lampião, essa cabeça tornada então “*imagem viva da morte*”.²⁷

A quem eram dirigidas essas exposições macabras de cabeças cortadas? Quais foram as implicações para cada protagonista?

O DESENROLAR DO ESPETÁCULO

À leitura dos artigos, na imprensa do litoral, consagrados à exibição das cabeças dos cangaceiros, não há dúvida de que se tratou de uma encenação orquestrada pelo regime Vargas e autoridades governamentais, a fim de fazer participar toda a população do Brasil, e a do Nordeste em particular, do projeto ideológico de unificação da nação. É através do discurso dos jornalistas que transparece claramente essa vontade de cristalizar nas cabeças de Lampião e de seus companheiros a emoção coletiva.

Será que ela foi compartilhada pela nação como um todo? Não se pode negar que parte da população do sertão que, havia mais de vinte anos, era sujeitada à violência dos cangaceiros, ao mesmo tempo que aquela das *forças volantes*, experimentou um sentimento de alívio quando foi anunciada a morte de Lampião. No entanto, pode-se perguntar se a evocação incessante, pela imprensa, dessa alegria coletiva não foi uma manipulação do poder. Na perspectiva de “unificação” e de “reconciliação nacional”, a imprensa do litoral e do sul do Brasil, a serviço do poder do Estado, voluntariamente omitiu todas

as mutilações, as sevícias corporais, estupros, torturas, profanações de cadáveres cometidos, desde sempre, pelas *forças volantes* em ação no sertão. A profanação dos cadáveres de cangaceiros foi doravante percebida ou até mesmo reivindicada como um ato necessário à eradicação de um mal para toda a sociedade. Os matadores de Angicos adquiriram o estatuto de heróis a serviço da nação.

Como, então, foi organizado o espetáculo e quais as implicações para cada protagonista? Em primeiro lugar, vamos descrever o desenrolar desses eventos, então evocaremos o lugar dos espectadores (a população do sertão, em seguida das cidades do litoral) e o discurso dos organizadores (as forças de polícia e as autoridades governamentais).

As cabeças chegaram, em 28 de julho, à tarde, no porto de Piranhas, transportadas em sacos de fazenda. João Bezerra, responsável pela morte de Lampião, escolheu seu domicílio como primeiro lugar de exposição das cabeças. A seguir, a narrativa de Cyra Bezerra, esposa do antigo tenente, anos após o drama:

“Um grupo de homens surgiu no fim da rua. Na frente deles, eu vi Bezerra, caminhando todo ensanguentado. Atrás vinham os seus soldados, trazendo cabeças seguras pelos cabelos. Foi o quadro mais horrível que presenciei na vida. Corri para dentro, apavorada, e me debrucei no berço da minha filha. Não conseguia tirar as mãos do rosto. Foi quando senti entrar gente no meu quarto. Era Bezerra. Ele disse: ‘Minha filha, venci. O cego está morto. Venha ver’. Mas eu não tinha coragem de tirar as mãos do rosto. Bezerra insistiu: ‘Você não quer ver? Olhe, eu estou ferido’.

Quando me levantei, os soldados já estavam no quarto, muito alegres, jogando uns nos outros perfume encontrado com os cangaceiros. Dançavam e cantavam Mulher Rendeira. Eu tinha uma sensação estranha, um arrepio me passava pelo corpo todo. Minha filha no berço e os soldados dançando e cantando em volta dele. Tudo cheirava a suor e a perfume. Aquilo me sufocava. Peguei minha filha e corri para sala. (...) Nossa casa foi invadida. Todo mundo queria

ver as cabeças decepadas. (...) Depois, Bezerra olhou para mim e disse: ‘Quero ver se você se lembra da cara de Lampião. Quando menina, você o conheceu, não é verdade?’

*O cheiro de sangue agora dominava o ambiente. Espalhados pelo chão se achavam os apetrechos dos cangaceiros. Onze cabeças decepadas e ensangüentadas se apoiavam no chão, contra a parede. Uma delas era Maria Bonita. A seu lado estava a de Lampião, com uma expressão de desespero. Naquele momento, me lembrei de seu rosto. (...) Agora eu via novamente a cabeça daquele homem, Lampião. Disse comigo: ‘Nunca vai haver Lampião’. Sentia um grande alívio’.*²⁸

Os soldados de João Bezerra desfilaram, a seguir, em toda a cidade, segurando as cabeças dos cangaceiros pelos cabelos. Acompanhavam esse cortejo a população de Piranhas e numerosas pessoas vindas de Traipú, de Pão de Assucar, d’Entremontes e outros municípios localizados do outro lado do rio São Francisco, como Canindé, Poço Redondo, Porto de Folha.

Após o desfile apenas, José Lucena, chegando em Piranhas, procedeu ao reconhecimento das cabeças e em particular da de Lampião. A morte dos cangaceiros foi deste modo oficializada e inscrita no registro cível da cidade. As cabeças foram então colocadas em barris de água com sal e álcool. Quanto ao soldado morto na batalha de Angicos, ele foi enterrado no cemitério de Piranhas: as forças de polícia e as autoridades locais estavam presentes para honrar a memória daquele que havia adquirido, doravante, o estatuto de herói e mártir.

As cabeças partiram, em seguida, em direção a Sant’ Ana do Ipanema. Elas foram transportadas num caminhão fretado especialmente, em Maceio, para esse propósito. Dois outros caminhões transportavam os soldados que guardavam os troféus e o botim de guerra. José Lucena, João Bezerra e Aniceto, enquanto oficiais, faziam o trajeto de carro. Esse cortejo atravessou as localidades de Olho d’Água do Casado, Talhado e Pedra. Na localidade de Pedra, conta-se que a usina fechou na ocasião para permitir que os operários assistissem ao desfile das cabeças na rua.

Em 30 de julho, as cabeças chegaram na cidade de Sant’ Ana do Ipanema. O cortejo havia se atrasado, não somente porque a estrada estava em mau estado, mas também porque uma multidão incalculável havia-se aglutinado para

vê-lo. Em Sant' Ana do Ipanema, como em um dia feriado, as escolas e as lojas permaneceram fechadas. Os jornalistas de diferentes cidades do Brasil encontravam-se lá a fim de colher o testemunho de João Bezerra e de seus homens, bem como para descrever o estado de efervescência no qual mergulhara a cidade.

O comboio entrou na cidade à tarde. Como em Piranhas, as *forças volantes* desfilaram por toda a aglomeração, mostrando ao público seus troféus, segurando-os pelos cabelos. As autoridades municipais mandaram uma banda acompanhar o cortejo. Uma imensa multidão acompanhou-o até a igreja, na praça do Monumento. Esse foi o primeiro lugar escolhido para essa macabra exposição. As cabeças foram colocadas nos degraus da igreja, como caricaturas de ex-voto, dispostas sobre lençóis brancos, rodeadas por objetos pessoais dos cangaceiros: roupas bordadas, bolsas, selas, máquinas de costura, armamento. Essa composição foi fotografada e reproduzida alguns dias mais tarde na imprensa do Brasil todo.

O cortejo encaminhou-se, em seguida, em direção ao quartel geral da polícia, onde as cabeças foram armazenadas. Então João Bezerra desfilou à frente dos 400 soldados do segundo batalhão policial de Sant' Ana do Ipanema ao qual pertencia. Somente após esse espetáculo João Bezerra e seus homens concederam entrevistas aos jornalistas que encontravam-se na cidade; eles lhes contaram os detalhes da chacina de Angicos e expressaram publicamente sua alegria por serem atores da história do Nordeste e do Brasil. A partir da transcrição de seus testemunhos, os jornalistas os transformaram em verdadeiros heróis nacionais.

Mas como os jornalistas perceberam a reação dos *sertanejos* e o que pretenderam que eles expressassem? Eis a narrativa que nos fornece Melchiades da Rocha na revista *A Noite Ilustrada* de 9 agosto de 1938:

"A policia alagoana, conduzindo os troféus do sangrento encontro, foi recebida por aclamações populares intentissimas, mais vivas e constantes á medida que os populares se inteiravam do exito completo do combate com o bando de cangaceiros. (...) O mesmo espectáculo se verificou em Pedra e Agua Branca, onde as populações, vítimas durante tantos anos dos sustos constantes pelo perigo de incursões dos cangaceiros, mal podiam acreditar no exterminio do monstro da caatinga. Em Sant'Ana do Ipanema onde se encontra localizado o quartel do Regimento da policia, esse

*júbilo popular atingiu maiores proporções. A força de regresso, á qual se juntara o tenente-coronel Lucena, foi recebida sob aplausos delirantes, que se prolongaram entusiasticamente e que mais vivos se faziam quando os oficiais se abraçaram em público celebrando a vitória rápida e completa”.*²⁹

Pareceria, então, que a exposição macabra, organizada de cidade em cidade, de povoado em povoado, fosse realizada a pedido da população do sertão para responder a uma sorte de necessidade conjuratória. Alguns jornais de Pernambuco evocam uma multidão imensa, que se deslocava para seguir o cortejo e “ver” a cabeça de Lampião.³⁰ Os jornalistas insistem também na atmosfera de festa³¹ que reinava no sertão nessa oportunidade. Entretanto, dois anos mais tarde, em 1940, no seu livro *Bandoleiros da caatinga*, Melchiades da Rocha matiza essa participação maciça dos *sertanejos* a essa demonstração de alegria coletiva:

*“O povo alagoano não deu, na totalidade, a sua aprovação a esse horroroso espetáculo da exposição das cabeças decepadas. Se muita gente correu a vê-las, levada pelo espírito de curiosidade, grande parte da população não deixou de articular palavras de revolta contra a dantesca cena que se reproduzira em várias localidades, desde Piranhas a Maceió”.*³²

O cortejo deixou Sant’Ana do Ipanema em direção a Maceió, situada a mais de cem quilômetros. Abrindo caminho, havia o caminhão que transportava as cabeças, seguido pelo carro conduzindo os oficiais e vários caminhões transportando os soldados e seus troféus de guerra. Outros veículos juntaram-se ao cortejo, levando autoridades e notáveis de diversas cidades do sertão, assim como numerosas pessoas. O cortejo chegou a Maceió em 31 de julho, às 20 horas. Mais de dez mil pessoas estavam aguardando para lhes dar as boas-vindas. Cúmulo da ironia, após a extinção do “Lampião”, tornado irremediavelmente “cego”,³³ as autoridades da cidade de Maceió mandaram iluminar toda a capital para receber a cabeça.

O cortejo que percorria as ruas de Maceió, parava com frequência para permitir que os oficiais e soldados “mostrassem” ao povo as cabeças, que seguravam pelo cabelo, e “apresentá-las” às autoridades cíveis e militares.³⁴

A chegada a Maceió de João Bezerra e seus homens, vencedores desses

cangaceiros, que haviam sido tantas vezes apresentados como heróis pelos *sertanejos*, acompanhava-se de uma “*indescritível demonstração de entusiasmo por parte da população*” reunida na praça dos martírios (bela coincidência!); eles empunhavam seus troféus macabros e os mostravam à multidão, sendo aclamados. Enquanto um cortejo de mais de cinquenta carros parou em frente ao Palácio do Governo de Alagoas, o *interventor* Osman Loureiro abraçou João Bezerra e congratulou pessoalmente o Coronel José Lucena, os oficiais e os soldados. Quando os “heróis” se dirigiram ao quartel geral da polícia, nova multidão estava presente para aclamá-los e numerosos oficiais de polícia, o Secretário do Interior do estado de Alagoas, capitães dos portos e numerosos jornalistas esperavam impacientemente para poder congratulá-los pela sua façanha e para escutar seu testemunho.³⁵ Cada um expressava publicamente sua alegria e os jornalistas procuraram conhecer as impressões daquele que havia pessoalmente acabado com a vida de Lampião. O soldado expressava sua “extrema satisfação” e afirmou ser “o homem mais feliz do mundo”.³⁶ A multidão, disseram os jornalistas, teria expresso sua alegria em “clima de festa”.³⁷

Num artigo do *Diário de Pernambuco* do 2 de agosto de 1938, relatando a chegada do cortejo das cabeças a Maceio, o jornalista não hesita em falar de um “espetáculo impressionante”. Entre as dez mil pessoas reunidas para ver as cabeças dos cangaceiros, muitos daqueles que haviam conhecido Lampião quando era ainda o Rei do Cangaço, reconheceram com satisfação os traços de seu rosto. No *Diário de Pernambuco* do 3 de agosto, é assinalado o mau estado de conservação das cabeças, apesar de serem imergidas em solução de álcool e sal; elas estavam cobertas de lama e terra, quase irreconhecíveis. Esses troféus macabros foram, no entanto,

“Lavados cuidadosamente, arranjados para a festa tragica de satisfazer a curiosidade popular, foram, então, expostos numa bancada”.

A disposição das cabeças foi determinada em função da importância de cada cangaceiro morto: Lampião, o chefe, encontrava-se em primeiro plano. Maria Bonita, sua companheira, estava situada atrás dele. Todos os jornalistas insistiram na beleza do rosto de Maria Bonita, arquétipo da cabocla sertaneja,

“Bonita ainda depois da morte. Serena sem um rictus.

E quando o publico desfilava deante dos trophéus tragicos, muita gente se emocionou vendo a cabeça de Maria Bonita a sertaneja que fizera de Lampeão um heroe a seu modo, seu

*companheiro de 12 annos de tragedia através o sertão, enfrentando soldados, vencendo a galope as caatingas incendiadas pelos perseguidores”.*³⁸

A encenação dessa alegria coletiva traduzia a especificidade alagoana da vitória de João Bezerra e de seus homens, ao mesmo tempo que se construía a idéia de uma nação unida e civilizada. No seu discurso de 30 de julho de 1938, Osman Loureiro, *interventor* do estado de Alagoas se declara

“feliz por haver tocado este serviço ao soldado alagoano, bravo, resignado e resistente.

Não me illudo, quanto á significação do acontecimento.

*Lampeão e os seus asseclas são oppressores transitorias de um mal permanente, cuja extirpação exigia o emprego de elementos dos governo federal. A obra de civilização excede dos recursos do Estado. É, entretanto, de summo interesse nacional”.*³⁹

Esse movimento de jubilação e confraternização tão evidenciado na imprensa do litoral devia, igualmente, servir propósito de uma eventual “reconciliação” de todos os atores do “drama” do cangaço, particularmente aquela dos *sertanejos* e das *forças volantes*. A esse respeito, numa entrevista do *Diário de Pernambuco* do 3 de agosto de 1938, seguindo uma longa conversa com o Osman Loureiro, José Lucena declara ter tido “a honra de ouvir dele palavras que glorificavam” as forças de segurança daquele estado. Ao propor um prêmio de 50 contos de réis ao contingente que matou Lampião e promoções militares aos homens, Osman Loureiro soube “justamente recompensar” os esforços daqueles que, ao seu lado, engajaram-se na exterminação dos principais chefes do cangaço. José Lucena afirma que os louros da vitória eram devidos sobretudo a João Bezerra e ao aspirante Ferreira que lutaram ao seu lado para que o sertão pudesse reencontrar uma atmosfera de “trabalho e de confiança” e participar da prosperidade de “nossa terra”; ele continuou evocando a necessidade de um engajamento generalizado da população *sertaneja* ao lado das forças de polícia:

“O episodio da luta, que culminou com o desaparecimento de Lampeão e varios dos seus asseclas mais temiveis deve servir; portanto, como um exemplo e como uma advertencia, afim de que todos os homens do sertão se integrem

*definitivamente na nossa campanha, ao nosso lado, hombro a hombro, confiando seriamente na sua força militar e ajudando-nos de vez a acabar com essa nodoa que manchava tristemente a paisagem da nossa civilização. Será essa a minha melhor recompensa”.*⁴⁰

Se essa solidariedade dos *sertanejos* e das *forças volantes* parece necessária às autoridades governamentais, ela se reveste de um caráter muito peculiar para José Lucena, que sabe o quanto as ações policiais foram odiadas no sertão por causa de sua violência cotidiana. Como numerosos oficiais das *forças volantes*, José Lucena não parou de expressar sua raiva ou sua confusão em relação a uma população que considerava estar sempre do lado dos *cangaceiros*. A fraternização de todos os atores desse drama permitia talvez também sua reconciliação. É, ao menos, o que parecia desejar José Lucena, entrevistado por um jornalista num artigo do *Diário de Pernambuco* do dia 5 de agosto de 1938:

*“Volto ao sertão, e creia-me, volto esquecido do que me fizeram os habitantes do sertão, faltando-me com o seu concurso. Isso perdoei agora definitivamente. E com o desaparecimento da figura lendária do phantasma de Lampeão, estou quasi certo que aquelle povo, do qual sempre fui tão amigo, compreendendo bem o alcance dos meus propositos de reintegral-o no rythmo de verdadeira paz, ordem e trabalho, voltará a dar-me decisivamente o seu concurso, que é tudo para o resultado final da campanha que redundará em dias mais felizes para todos os sertanejos”.*⁴¹

A morte de Lampião permitiu também às autoridades governamentais adotar certas medidas para que o sertão pudesse tomar definitivamente o caminho do “progresso” e da “civilização”.

Uma dessas medidas foi a construção de estradas e vias de comunicação na região. No dia 30 de julho, Landulpho Alves, *interventor* do estado da Bahia, declarou-se se alegrar, junto a toda a população do Nordeste, com o desaparecimento de Lampião e, num afincado civilizador, revelou, publicamente, seu projeto de mandar construir uma estrada ligando Cipó à Geremoabo, no sertão da Bahia, regiões que, é preciso sublinhar, foram outrora percorridas regularmente por Lampião e seus seguidores em toda impunidade.⁴² Aos olhos de Landulpho

Alves, o sertão não deveria mais ser um território intransponível e haveria de se abrir, não apenas, a intervenções militares, mas também a todas as formas de conquistas tecnológicas.

No dia 31 de julho, Agamenon Magalhães, *interventor* do estado de Pernambuco e, lembramos, natural de Vila Bela, cidade natal de Lampião, publicou um artigo consagrado ao cangaço, no *Diário da Manhã*. Fortalecido pelo anúncio da morte de Lampião, mas certo de que não eliminaria o cangaço, que considera um mal consubstancial à sociedade do sertão, ele propõe uma solução radical para por fim ao cangaço, estimado muito mais inquietante do que a seca. Eis sua proposta:

*“E necessario, entretanto, uma legislação especial para combater o banditismo. Eu condenaria á morte, summariamente, sem direito a recurso, nem perdão, todos os “coiteiros”, todos os que por covardia, interesse, guardaram, por tanto tempo, o mais terrivel e cruel dos bandidos, esse, cuja cabeça a policia alagoana acaba de cortar para offerecer ao estudo dos institutos medico-legaes do Brasil”.*⁴³

Ambos os textos revelam uma vontade de atacar a estrutura social e cultural da região, mas também as imagens do sertão veiculadas, havia muito tempo, pela imprensa e os escritos da época: a solidariedade da população local para com Lampião, o apoio de personalidades e chefes políticos influentes, a idéia de que o sertão permaneceria uma região impenetrável, quicá enigmática.⁴⁴ A morte de Lampião, parecem dizer ambos os *interventores*, permitiria talvez conquistar um território e mudar seus valores e os códigos sociais de seus habitantes, com o objetivo de ingressar à nação como um todo. mas essa conquista do progresso, segundo Agamenon Magalhães, só poderia ocorrer pela força.

Por ocasião da morte de Lampião em Angicos, em julho de 1938, pôde-se dizer, finalmente, que o Lampião (lampião), sanguinário, outrora sempre invisível e invulnerável, “apagara-se” afinal. Para o litoral, o sertão podia, enfim, rumar para uma outra luz, a da civilização.

Lampião morto, decapitado, uma parte do corpo social se ilude ao crer que ia reencontrar sua unidade orgânica. Mas a mutilação desse guerreiro aparentemente invencível, a redução de sua cabeça ao estado de objeto de espetáculo, de objeto científico, de objeto de museu não permitiu a destruição de sua imagem e de seu mito.

E é a persistência desse mito no imaginário popular, mas também a recuperação de Lampião pelas correntes regionalistas que se vai colocar novamente o problema da fragmentação da nação brasileira e de sua procura de unidade.

O que se constata atualmente no seio da “intelligentsia” do litoral do Nordeste - e de Recife em particular – é o desenvolvimento de uma corrente de pensamento que tende a fazer de Lampião um herói regional.

Quando Lampião era vivo, particularmente na época Vargas, tratava-se de integrar o sertão ao Nordeste e o Nordeste ao resto do Brasil; entretanto, hoje em dia, certos autores parecem pensar o Nordeste como uma entidade homogênea com suas referências culturais próprias. Lampião seria, então, não apenas o emblema da luta contra a injustiça e as desigualdades sociais, mas a personificação do próprio Nordeste.

Com um propósito de recuperação política e cultural, a ambigüidade do personagem deixa portanto de ser percebida.

- Em que esse movimento se distingue daquilo que acontece no sertão, onde as cerimônias comemorativas e festas folclóricas em homenagem a Lampião não têm apenas uma função econômica de cunho turístico, mas parece buscar a consagração de lugares de memória, embora a população sertaneja esteja muito dividida quando se trata de evocar essa memória?

- Em que medida esses movimentos se diferenciam daqueles que emergiram no final dos anos 50, como, por exemplo, as Ligas Camponesas, sob a liderança de Francisco Julião,⁴⁵ e que fizeram de Lampião o símbolo de luta contra o latifúndio e a sujeição das populações rurais?

- Qual é o sentido e o porvir dessas correntes de pensamento?

- Qual é o sentido dessa aparente contradição: fazer de uma personagem violenta, ambígua, sem consciência política alguma, o símbolo e o representante de uma consciência e de uma identidade regional?

Notas:

¹Tradução: Christine Rufino Dabat. Revisão: Isabelle Velay Rufino.

²Doutora em História pela Sorbonne, Paris IV, sob a orientação de Katia de Queiros Mattoso; sua tese ganhou o Prêmio Le Monde Diplomatique 2001; colabora atualmente, na Universidade de Paris X, Nanterre, com o Pôle Brésil-GRIF.

³PRATA, Ranulfo. *Lampião*. São Paulo, Traço ed. s.d. (1º ed. de 1933), pp.26-27.

⁴Idem, pp. 26-27.

⁵In: *A Voz do Sertão*, Triunfo, 10/05/1936, p. 5, BARRETTO, Oleron: “No sertão”.

⁶Idem.

⁷Frederico Pernambucano evoca, a esse respeito, as violências infligidas aos representantes das autoridades pelo cangaceiro lendário Zé Pinheiro. Esse cangaceiro surge no momento da “sedição

de Juazeiro”, revolução provocada por Floro e pelo *Padre Cícero*, no Ceará, em 1914; mobilizou milhares de civeis e de fiéis do *Padre* com vista à destituição do governo de Marcos Franco Rabelo, exercendo, na época, as funções de governador do Ceará. Esses civeis, graças ao apoio financeiro dos *coronéis* e chefes políticos locais, receberam importante armamento; armamento esse que circulou em todo o sertão do Ceará muito tempo depois da “sedição de Juazeiro”. É nesse clima de instabilidade social e política que numerosos bandos de cangaceiros armados se organizaram, bandidos recrutados quase exclusivamente entre os antigos fiéis do *Padre Cícero*. Entre eles se distinguiu Zé Pinheiro, famoso por ter exterminado J. da Penha, capitão das forças legalistas, em luta contra os “jagunços” do *Padre Cícero*. Após a “sedição de Juazeiro”, Zé Pinheiro dirigiu um bando de cangaceiros e ganhou fama em toda a região pela crueldade dos castigos que impunha a suas vítimas, todas elas oficiais de polícia. Frederico Pernambucano de Mello cita Irineu Pinheiro a esse respeito: “Foi este facinoroso quem, meses depois da morte do capitão Penha, á frente de numeroso grupo, atacou Quintino Feitosa, delegado do Juazeiro, e após várias horas de luta matou-o, arrancando-lho a faca, o bigode, em um requinte de feroz canibalismo. No dia seguinte á façanha andava pelas ruas a mostrar o sinistro troféu. Nas bodegas, mergulhava-o na aguardente que depois bebia”. In: PINHEIRO, Irineu: *O Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914*, Rio de Janeiro: Pongetti, 1938, p. 143 citado por MELLO, Frederico Pernambucano de: *Guerreiros do Sol. O banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife: FUNARPE/FUNDAJ, Massangana, 1985, p. 105.

⁸Idem, pp. 72-73.

⁹Na sua obra, Ranulfo Prata mostra a que ponto a população do Sertão sofreu pressões exercidas não apenas por cangaceiros, mas também pelas forças de polícia. Ele menciona tanto as constantes extorsões impostas por policiais corruptos, quanto às exações e suplícios físicos com os quais alguns policiais “infames” e “desprovidos de honra” vitimavam continuamente a população sertaneja. Ver a esse respeito: PRATA, Ranulfo: *Lampião*, op. cit. pp. 80-82. Ver também, entre outros: *Diário de Pernambuco*, Recife, 22/06/1927 p. 1, “Combate ao Banditismo”. ESPIRITO SANTO, Victor de: “A caça a Lampeão. Uma página inédita sobre a campanha sistemática contra o banditismo no nordeste brasileiro”, in: *Diário de Pernambuco*, Recife 28/07/1932, p. 1. *Diário de Pernambuco*, Recife 31/08/1935, p. 10: “O plano de combate ao banditismo em Alagoas”. *Diário de Pernambuco*, Recife 01/12/1936, p. 14: “A passagem de Lampeão por Custódia. O reporter do Diário de Pernambuco ouviu as victimas do bandoleiro nesse município. Os bandidos tomaram 22 cavallos das pessoas que iam á feira...”. ALVEZ, J.: “Pela historia do crime”, in: *O Povo*, Fortaleza, 22/02/1928, p. 3. GUEIROS, Optato: *Lampeão. Memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*, Recife, s.ed., 1952, pp. 168-171.

¹⁰Ver: PRATA, Ranulfo: *Lampião*, op. cit. pp. 78-80. Ver também: *Diário de Pernambuco*, Recife, 26/08/1948: «Arrancou o coração do homem que havia ousado denuncia-lo» (reprodução de um artigo da *Folha Carioca* do 25/08/1948).

¹¹PRATA, Ranulfo. *Lampião*, op. cit. p. 80.

¹²in: PRATA, Ranulfo. *Lampião*, op. cit. p. 17.

¹³Idem, pp. 17-18.

¹⁴“A lenda encarrega-se de empretecer a fama do salteador. Ha mesmo escriptores que dão cursos á historia de Lampeão botar braças dentro das rédes das criancinhas de peito, afim de gosar vendo-as assar. E’ o cumulo da irreflexão! Eu não duvido que elle não pratique barbaridades, mas essa é impossivel, porque as rédes são de panno e as braças, antes de lhe dar tempo de se divertir bastante com a tortura dos innocentes, queimaram esse panno, caindo no sólo.

Essa historia é inventada como aquella, que já figura até em romances historicos, dos balaio maranhenses crêrem um leitão vivo nas estranhas dum homem vivo. Ora qual o individuo que resiste a uma abertura tal no ventre que dê para nelle se metter um bácoro?”

In: BARROSO, Gustavo. *Alma de Lama e de Aço (Lampeão e outros cangaceiros)*, São Paulo, Comp.

Melhoramentos, 1930, pp. 95-96.

¹⁵A esse respeito, quando uma mulher perguntava a Lampião se ele não lamentava ter matado homens, esse ter-lhe-ia respondido: “Pena de que? Sangrá gente é como sangrá bode!” in PRATA, Ranulfo. *Lampião*. op. cit., p. 89.

¹⁶CAMPOS, Humberto de. Proezas de Lampeão. In: *Diário de Pernambuco*, Recife 26/06/1935, p. 2.

¹⁷Idem.

¹⁸*A voz de Pesqueira*, Pesqueira, 10/04/1937, p. 4: «Os cangaceiros». A propósito das exações físicas e torturas que Lampião teria imposto à população do sertão, ver também: *Diário de Pernambuco*, Recife 15/01/1932, p. 1, ESPIRITO SANTO, Vitor de: «No encalço de Lampeão». *Diário de Pernambuco*, Recife 19/01/1932, p. 1, ESPIRITO SANTO, Vitor de: «No encalço de Lampeão». *Diário de Pernambuco*, Recife 21/07/1935, p. 1: «Lampeão desassocega as populações da fronteira Pernambuco-Alagoas. O assalto a poço de mel, em Alagoas- duas mortes e a reacção de - ferida gravamente uma mulher do grupo» (artigo consagrado à tortura e à castração das vítimas de Lampião) *Diário de Pernambuco*, Recife 11/10/1935, p. 8: «Ferrada no rosto pelo bandido. José Baiano deixa nas faces de sua vítima o seu signo de selvagem». (Sobre a marcação das mulheres a ferro por José Baiano). *Diário de Pernambuco*, Recife 02/04/1936, p. 12, MARANHÃO, Gomes: «Lampeão». *Diário de Pernambuco*, Recife 21/11/1936, p. 14, «As “razzias” de “Lampeão” nos sertões pernambucanos». *Diário de Pernambuco*, Recife 25/11/1936, p. 5, «Os sertões pernambucanos transformados numa zona de “far-west”». *Diário de Pernambuco*, Recife 25/11/1936, p. 5, «Como o povo do Espírito Santo narra as incursões dos bandidos». *Diário de Pernambuco*, Recife 05/08/1938, p. 12 e 8 «Ângico era um velho coito de Lampeão. Josias Vieira, o antigo “Gato Bravo”, fala aos Diários Associados». É interessante constatar que é exclusivamente a imprensa do litoral, e particularmente a de Pernambuco, que evoca os suplícios e torturas infligidos à população do sertão por Lampião e seus homens. O que os historiadores nomearão, em seguida, «lenda negra do cangaço» a través da imprensa intensifica-se nitidamente sob o regime de Vargas. No mesmo espírito, os jornalistas da imprensa do litoral do Nordeste relatam com muitos detalhes os “assassinatos bárbaros” e “crimes odiosos” praticados pelos membros da coluna Prestes na sua marcha nos sertões do Nordeste. Ver a este respeito: *Jornal Pequeno*, Recife, 23/03/1926, p. 2, «Os rebeldes». Ver também: *Diário de Pernambuco*, Recife, 21/02/1926, p. 3, *Notícias do Nordeste*. Ceará. Telegrama publicado pela imprensa de Fortaleza e reproduzido pelo *Diário de Pernambuco*: «A situação dos rebeldes». A imprensa do sertão se indigna, de certo, com a inação ou a propensão das forças de polícia à corrupção, e denuncia o fosso que se criou entre o sertão e o litoral do Nordeste; mas ela procura sobretudo mobilizar a opinião pública a favor de uma consciência nacional defendida por um jornalismo sertanejo mais político do que sensacionalista.

¹⁹in: *Jornal da Cidade*, Recife, 3-9/11/1947, n°2, p. 6: “Cangaceiros invadem Serra Talhada”.

²⁰PRATA, Ranulfo. *Lampião*. op. cit. (1° ed. de 1933), p. 31.

²¹*Diário de Pernambuco*, Recife 21/01/1932, p. 1. ESPIRITO SANTO, Vitor de: «Os artifícios empregados por Lampeão para iludir os seus cabras e defender-se da repressora».

²²*Diário de Pernambuco*, Recife, 29/12/1926, p. 1, «Effectuou-se hontem, ás 14 horas no salão roseo do Palacio do Governo, a reunião dos chefes de policia dos Estados do Nordeste».

²³*Diário de Pernambuco*, Recife 16/06/1927, p. 2, MAIA, Tercio Rosado: «A magistratura e a profilaxia do cangaceirismo».

²⁴idem

²⁵*Diário de Pernambuco*, Recife 26/06/1935, p; 2: «Proezas de “Lampeão”».

²⁶*A Noite Illustrada*, Rio de Janeiro, 02/08/1938, pp. 5-6.

²⁷Idem, p. 9.

²⁸*Manchete*, Rio de Janeiro. 28 novembro de 1981: VASCONCELOS, Frederico de Laércio de: «Meu marido matou Lampião».

²⁹*A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, pp. 21-22, ROCHA, Melchiades da: «Regresso das forças volantes».

³⁰Sobre a população do sertão que se deslocava para seguir ou ver o desfile das cabeças: No artigo do *Diário de Pernambuco*, Recife, 30/07/1938, p. 5 e 12: «Estava composto o grupo de cinquenta e oito bandidos na hora do ataque. Teriam os cangaceiros em seu poder grande quantia de dinheiro. Entregou a um fazendeiro cinco kilo de ouro. As cabeças permanecem em Sant’Ana do Ipanema», um *sertanejo* de Piranhas teria «visto» e «identificado» a cabeça de Lampião. No artigo do *Diário de Pernambuco*, Recife 31/07/1938, p. 3 e 7 intitulado: «A volante foi guiada por um coiteiro que os bandidos confiantemente tinham enviado a Piranhas» o jornalista diz: «*A demora do tenente-coronel Lucena Maranhão em chegar a Sant’Ana, conduzindo as cabeças dos bandoleiros, é devido ás populações dos caminhos, que desejam vêr a face dos faccinoras, principalmente a de Lampeão.*» No artigo do *Diário de Pernambuco*, Recife 03/08/1938, p. 5 e 9, intitulado: «Commovente narrativa de “Volta Secca” recordando a figura tenebrosa do chefe. Tentativa de envenenamento e a protecção do Padre Cícero- Lampeão temia “Meia Noite”», Afranio Mello diz: «*O vehiculo, veio, assim, demorando-se em todas as cidades, villas e povoações por onde passou. Por toda parte, grande numero de pessoas procuravam ver as cabeças dos bandidos. Em outro caminho, viajaram o tenente-coronel José Lucena, o tenente Bezerra e o aspirante Ferreira, acompanhados do enviado especial do “Jornal de Alagoas.*»

³¹José Lucena, num telegrama enviado ao interventor Osman Loureiro, dirá a propósito desse clima de festa na cidade de Sant’Ana do Ipanema: «*Esta cidade acha-se sob intenso jubilo. Varios oradores usaram palavra enaltecendo acção do patriotico governo do interventor Osman Loureiro.*» in: *Diário de Pernambuco*, Recife 30/07/1938, p. 5, 10, «*O tenente João Bezerra declara que exterminou Lampeão e seus asseclas num ataque de surpresa, na madrugada de ante-hontem. A imprensa de New York estampa com grande destaque as noticias da morte do rei do cangaço.*» Num artigo do *Diário de Pernambuco*, Recife, 30/07/1938, p. 5 e 12 intitulado: «Estava composto o grupo de cinquenta e oito bandidos na hora do ataque. Teriam os cangaceiros em seu poder grande quantia de dinheiro. Entregou a um fazendeiro cinco kilo de ouro. As cabeças permanecem em Sant’Ana do Ipanema», e num artigo do *Diário de Pernambuco*, Recife 31/07/1938, p. 3 e 7 intitulado: «A volante foi guiada por um coiteiro que os bandidos confiantemente tinham enviado a Piranhas» os jornalistas falam de um «imenso entusiasmo reinante no sertão». Num artigo do *Diário de Pernambuco*, Recife 03/08/1938, p. 5 e 9, intitulado: «Commovente narrativa de “Volta Secca” recordando a figura tenebrosa do chefe. Tentativa de envenenamento e a protecção do Padre Cícero- Lampeão temia “Meia Noite”», Afranio Mello evoca uma verdadeira atmosfera de festa no sertão. Na cidade de Sant’Ana do Ipanema, toda a população «acoreu nas ruas em grandes démonstrações de alegria.»

³²ROCHA, Melchiades da: *Bandoleiros das caatingas*, Rio de Janeiro: A Noite, 1940, p. 56

³³Lembramos que as *volantes* apelidaram Lampião de «O cego», termo que se divulgou rapidamente após sua morte.

³⁴*Diário de Pernambuco*, Recife 02/08/1938, p. 3 e 12, «Lampeão, ha dias, deixara transparecer a grande vontade de voltar á vida tranquilla dos campos, dedicando-se á agricultura. Dez mil pessoas estavam presentes á chegada das cabeças, em Maceió».

³⁵Idem.

³⁶Idem

³⁷MELLO, Afranio: «Commovente narrativa de “Volta Secca” recordando a figura tenebrosa do chefe. Tentativa de envenenamento e a protecção do Padre Cícero - Lampeão temia Meia Noite» in: *Diário de Pernambuco*, Recife 03/08/1938, p. 5 e 9.

³⁸Idem.

³⁹No mesmo artigo, o jornalista publicou um outro discurso de Osman Loureiro, no qual sublinha, novamente, a especificidade alagoana da vitória das *forças volantes* de João Bezerra:

«A morte de Lampeão é de uma profunda significação para Alagoas. A actual administração vê assim coroada de êxito a campanha que iniciou contra o cangaceirismo.

Em que pese aos poucos recursos com que conta, o governo mantém com enormes sacrificios um batalhão aquartelado em Sant'Anna do Ipanema. São as volantes desse batalhão que acabam de livrar o sertão alagoano da influencia tão prejudicial daquelle que foi até ante-hontem o nosso inimigo nº1».

Diário de Pernambuco, Recife, 30/07/1938, p. 5 e 12 : « Estava composto o grupo de cincoenta e oito bandidos na hora do ataque. Teriam os cangaceiros em seu poder grande quantia de dinheiro. Entregou a um fazendeiro cinco kilo de ouro. As cabeças permanecem em Sant'Ana do Ipanema.

40Diário de Pernambuco, Recife 03 / 08 / 1938, p. 3 : «Lampeão mantinha uma autoridade suprema entre todos os cangaceiros do Nordeste».

41Diário de Pernambuco, Recife 05 / 08 / 1938, p. 12 : "Antes que os bandidos obtenham as cabeças dos meus soldados, nós teremos as delles". Coronel Lucena, referindo-se ao choque da fazenda «Patos affirma que massacres de volantes por parte dos cangaceiros, não abaterão o seu moral e o de sua força».

42Trechos do discurso de Landulpho Alves foram publicados no Diário de Pernambuco, Recife, 31/07/1938, p. 3 e 7: «A volante foi guiada por um coiteiro que os bandidos confiantemente tinham enviado a Piranhas».

43MAGALHÃES, Agamenon: « Banditismo », in : Folha da Manhã, Recife, 31/07/1938, p. 1.

44Esse termo foi empregado pelo jornalista Afranio Mello num artigo do Diário de Pernambuco, Recife 03/08/1938, p. 9 intitulado: «Commovente narrativa de "Volta Secca", recordando a figura tenebrosa do chefe. Tentativa de envenenamento e a protecção do Padre - Lampeão temia Meia Noite» O autor, numa entrevista com o jovem cangaceiro Volta Seca, evoca um sertão «torturado de fome e de sede, para o sertão dos fanaticos e cangaceiros, para o sertão das crianças de doze annos que abandonnam os lares e se vêem um dia num presidio com um numero no uniforme. Para o sertão de Volta Secca, de todos os Voltas Seccas. Para o sertão enigmatico e tragico que só uma força decifrará: -a escola».

45«Lampião foi o primeiro homem do Nordeste, oprimido pela injustiça dos poderosos, a batalhar contra o latifundio e a arbitrariedade. Teria sido um simbolo de resistencia». In: Diário de Pernambuco, Recife 17 de maio de 1959, p. 8. «Parlamento pernambucano exige o Sepultamento da cabeça de Lampião».